

Nem todo ócio é criativo

Com avanço da tecnologia, profissionais passam 40% de seu tempo no trabalho sem trabalhar

O que você faz no trabalho quando não está trabalhando? A pergunta pode soar estranha, mas quem nunca aproveitou o horário do expediente para navegar na internet, pagar uma conta no banco, fazer a unha ou bater papo no telefone com um amigo? Do total de horas que os brasileiros cumprem por dia no escritório, 40% são dedicadas a um tipo de ócio que nada tem de criativo, segundo pesquisa realizada pela Triad PS — consultoria especializada em produtividade, colaboração e administração do tempo — junto a dois mil profissionais.

Enquete feita pelo Boa Chance na internet esta semana também dá uma pista de como age o pessoal que costuma enrolar o chefe: 66% deles transitam sem critério de um site a outro, enquanto 14% perdem a hora trocando abobrinhas com os colegas e 10% dão uma fugida para resolver problemas pessoais. Pausas para quebrar a rotina são saudáveis e até recomendadas, dizem especialistas. O problema é quando as escapadas diárias ultrapassam os limites do bom senso, comprometendo a produtividade.

Por trás de tanta embromação está o avanço da tecnologia e a inserção das redes sociais no ambiente de trabalho, associados a um estresse que cresce à medida que o mercado se torna mais competitivo, afirma o consul-

tor Christian Barbosa, fundador da Triad PS:

— Uma das maiores dificuldades do profissional brasileiro é controlar o tempo, estabelecer prioridades. A correria é tanta que, consciente ou inconscientemente, as pessoas tiram o foco das suas tarefas diárias para tentar relaxar um pouco. Além das quatro horas desperdiçadas todos os dias, o que mais surpreende é que muita gente ainda se dedica a atividades nada éticas, como sexo virtual ou procura por outro emprego.

Mas esse tipo de comportamento, obviamente, não é exclusividade nossa: um gráfico bem humorado publicado recentemente em sites agregadores de notícias — como o Blue Bus e o Fabulously Broke — mostra que, em média, os americanos desperdi-

çam, por dia, três das oito horas que passam no escritório. Eles admitem usar a internet para fins pessoais durante o expediente (64%) e considerar a possibilidade de pedir demissão caso a empresa venha a bloquear o acesso dos funcionários ao Facebook (39%).

O levantamento, que se baseou em diferentes pesquisas sobre a produtividade no trabalho, mostra ainda que 65% dos usuários do YouTube assistem vídeos de segunda a sexta-feira, entre 9h e 17h — quer dizer, num período em que deveriam estar trabalhando.

— Ainda estamos aprendendo a nos relacionar com esse mundo conectado. Por isso há um certo descontrole. A tendência é as pessoas aprenderem, aos poucos, como lidar melhor com isso — explica Barbosa, ressaltando que, até lá, é contra as empresas bloquearem o acesso a sites de relacionamento. — Acredito numa via de mão dupla: da mesma forma que os funcionários devem exercitar o bom senso, as organizações devem estipular metas e criar regras de convívio.

Mas enquanto esse momento não chega, o que prevalece no ambiente de trabalho (pelo menos entre os veteranos na arte de enrolar) são atitudes para lá

de manjadas que podem passar a impressão de que o funcionário está, de fato, pegando no batente. Afinal, quem não sabe que manter a mesa sempre bagunçada, passear pelo escritório com vários documentos na mão e enviar e-mails depois do expediente, copiando o chefe, são algumas delas?

Para o professor Clerton Martins, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre (Otiúm), do programa de pós-graduação da Universidade de Fortaleza (Unifor), uma das saídas para transformar o exercício de não fazer nada em ócio criativo — ou seja, capaz de gerar soluções e novas ideias — é a empresa investir em estratégias para que os funcionários percebam a importância de canalizar o tempo gasto com tarefas pouco enriquecedoras em atividades produtivas. É o que ele chama de "educação para o ócio no trabalho".

— Há outras soluções criativas, como criar um banco de tempo, para que as pessoas troquem tarefas entre si de acordo com o seu tempo de trabalho. Quando uma estratégia como essa engrena, o funcionário acaba encarando o trabalho como ócio. *Continua na página 3*



O GLOBO NA INTERNET
TESTE Você administra bem
 seu tempo na empresa?
oglobo.com.br/economia/boachance

Profissional britânico leva meia hora para começar a trabalhar

Tal desperdício, diz consultoria, representaria 16 dias de férias adicionais

Um dos indícios de que a improdutividade no trabalho tem chamado a atenção das organizações, tanto aqui quanto lá fora, é a divulgação de mais uma pesquisa sobre o tema, desta vez focada nos profissionais britânicos. Segundo a Officebroker — consultoria para empresários em busca de novos escritórios —, os trabalhadores do país perdem, em média, 31 minutos diários antes de iniciar a jornada de trabalho. A maioria gasta tempo fazendo café, navegando na internet e conversando com colegas sobre as atrações na TV da noite anterior.

Funcionário foi advertido por não desligar o telefone

Realizada durante duas semanas com 1.014 funcionários de diferentes companhias da Grã-Bretanha, a pesquisa também revela que 37% dos entrevistados têm o hábito de tomar café da manhã na mesa de trabalho, o que indica que estão chegando ao escritório mais

cedo, mas começando a trabalhar, para valer, mais tarde.

Tanto tempo desperdiçado, sugere o estudo, já equivale a 16 dias de férias adicionais por funcionário. Para piorar, a maioria deles diz que ir ao banheiro, checar e-mails pessoais e redes sociais, preparar comida e conversar sobre temas não relacionados ao trabalho estão entre suas estratégias favoritas para adiar o início do expediente.

— A internet oferece uma enorme gama de possibilidades. E isso é muito tentador, principalmente entre quem gosta de participar de redes sociais, como Facebook e Twitter — diz Liz Yorke, diretora de Operações Globais da Officebroker e responsável pelo estudo. — A linha divisória entre trabalho e tempo social está cada vez mais tênue, isto é, as pessoas estão misturando mais as duas coisas. Você pode postar informações sobre um evento no Facebook enquanto está no trabalho e,

quando chegar no evento, responder e-mails de trabalho pelo *smartphone*.

Apesar de na agência Scama ser permitido jogar videogame, ver televisão e até tirar cochilo depois do almoço, é a internet que mais rouba o precioso tempo de seus dez funcionários. Entre eles, o próprio diretor, Gabriel França de Carvalho:

— Sigo a maioria. Fico mais na internet, usando as redes sociais, lendo notícias e trocando e-mails. Isso me toma uma ou duas horas diárias. Sempre procuro dar uma volta para espalhar, tomar café ou bater papo. Mas isso não me toma mais do que meia hora por dia.

Desmotivação, uma das causas da embromação

Para o publicitário, o que importa é o modelo de gestão por metas, em que os funcionários têm que cumprir tarefas em um tempo determinado. A cobrança é feita em cima da qualidade e do cumprimento dos prazos.

— O que as pessoas fazem

durante o processo não é da minha conta — diz Carvalho, ponderando que as vezes a história pode ser diferente. — Já tive que advertir um funcionário que, toda vez que era solicitado, pedia um momento porque estava no telefone. E quase sempre esquecia o que tinha sido pedido depois que desligava. Foi preciso chamar para uma conversa. Ainda bem que resolveu, porque o próximo passo seria a demissão.

Para a psicóloga Sueli Brusco, diretora da SimGroup, agência especializada em soluções de reconhecimento corporativo, ao lado do estresse e do avanço das mídias sociais, a desmotivação pode ser apontada como uma das razões para tanta embromação:

— É importante ressaltar que a tecnologia pode favorecer o desperdício de tempo, mas o funcionário desmotivado, mesmo sem internet, não se concentrará em suas atividades: pode passar boa parte do tempo pensando em outras coisas. ■